

Lembranças da Escola Italiana¹

*Helenise Sangoi Antunes-UFSM**
*Valeska Fortes de Oliveira-UFSM***

Resumo

Este texto foi elaborado a partir de pesquisa realizada no município de Silveira Martins-RS, com o objetivo de conhecer o tipo de escola que existiu nos primeiros anos de implantação da Colônia Italiana. Nesta investigação optou-se por uma metodologia de cunho qualitativo, elegendo o estudo de caso e a história oral. Considerando a relação de confiança estabelecida previamente com os sujeitos desta pesquisa foi possível conhecer as suas trajetórias enquanto alunos das escolas italianas, as percepções construídas em torno da escola, a metodologia empregada e os conteúdos ensinados. Todos estes elementos foram conhecidos através da escolha de uma metodologia que viabilizou a concretização desta investigação.

Palavras chaves: Memórias; Histórias; Educação.

Abstract

This text was elaborated from research realized in the county of Silveira Martins-RS, with the objective to know the type of school which existed at the first years of the italian colony implatation. In this investigation a methodology qualitative type was chosen, electing the case study and oral history. Considering the trust relation established before with the people of this research, is was possible to know their trajectory while students of the italian schools, the perception built around the school, the methodology which was used and the subjects which were taught. All these components were known through the choice of a methodology which provided the concreteness of this investigation.

Key words: Memories; histories; education.

¹ Este artigo foi elaborado a partir da pesquisa financiada através de Bolsa de Aperfeiçoamento Científico da FAPERGS intitulada: Concepções de Educação, Currículo e Avaliação no município de Silveira Martins/RS.

* Professora Substituta do Deptº de Fundamentos da Educação e Doutoranda em Educação-UFSM.

Av. Nª Sª das Dores, 740- CEP-97050-530- Santa Maria-RS.

** Professora Titular do Deptº de Fundamentos da Educação e Doutora em Educação-UFSM.
Tuiuti, 2252 apto 302- CEP-97050-420 - Santa Maria-RS.

Este texto foi elaborado a partir da pesquisa realizada no município de Silveira Martins-RS com o objetivo de conhecer o tipo de escola que existiu nos primeiros anos de implantação da Colônia Italiana.

A sistematização da primeira forma de educação existente na colônia foi possível através de uma interação do pesquisador com os seus sujeitos de pesquisa: os moradores mais antigos de Silveira Martins, descendentes dos pioneiros imigrantes italianos.

O contato com a comunidade não foi efetivado somente com o andamento desta investigação, mas já vinha sendo realizado no decorrer de estudos anteriores também embasados em fontes orais. Acredita-se que o contato prévio com a comunidade investigada foi um fator importante para a realização dos mesmos.

Nesta investigação optou-se por uma metodologia de cunho qualitativo, elegendo o estudo de caso. Considerando a relação de confiança estabelecida previamente com os sujeitos desta pesquisa, foi possível conhecer as suas trajetórias enquanto alunos das escolas italianas, as percepções construídas em torno da escola, a metodologia empregada e os conteúdos ensinados. Todos esses elementos foram conhecidos e sistematizados através da escolha de uma metodologia que viabilizou a concretização desta investigação.

Outro elemento indispensável para a realização desta pesquisa foi a utilização da História Oral que, através de entrevistas semi-estruturadas, contribuiu para o conhecimento da primeira forma de educação na Colônia Italiana.

Segundo MEIH,

História oral é um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto e continuam com a definição de um grupo de pessoas (ou colônia) a serem entrevistadas, com o planejamento da condução de gravações, com a transcrição, com a conferência do depoimento, com a autorização para o uso, arquivamento e, sempre que possível, com a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas.

Os sujeitos desta pesquisa, moradores mais antigos descendentes dos pioneiros imigrantes italianos, lembraram e relataram fatos que marcaram seu cotidiano na escola. Os relatos orais dos moradores mais antigos foram gravados nos mais variados locais: em suas casas, nas lavouras, na rua, na venda, na frente da igreja, na praça... Sendo assim, o processo de aproximação com os sujeitos da pesquisa não ficou restrito a um ambiente

pré-estabelecido, mas buscou outros locais que deixassem à vontade os entrevistados.

Mesmo oportunizando que os sujeitos dessem suas entrevistas em locais que os deixassem mais à vontade para falar, notou-se que os seus depoimentos representavam fragmentos significativos de suas vidas escolares, mas não se constituíam na totalidade das suas experiências. Este fato não é visto como algo negativo, porque entende-se que o que os “nonos e nonas”² relatavam eram aqueles fragmentos que se constituíam em lembranças significativas.

Em muitos depoimentos também foram registrados momentos em que os moradores mais antigos ficavam em silêncio. O silêncio não é entendido como ausência e como falta de sentido. ORLANDI (1993) afirma que o silêncio não é diretamente observável porque ele passa pelas palavras e não permanece, sendo possível vislumbrá-lo de forma fugaz. Embora o silêncio não seja diretamente observável, ele não é vazio, porque apresenta sentido e significado que são construídos através da interação dos sujeitos entre si, do sujeito consigo mesmo e do sujeito com o contexto histórico social no qual está inserido.

Outro elemento que precisa ser mencionado em relação aos contatos estabelecidos com os sujeitos da pesquisa foi o fato de que ocorreram muitos depoimentos através de conversas e contatos informais que, apesar de não serem gravados, foram muito significativos para o andamento dos estudos.

Segundo BOSI(1994:39),

A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vivas recordações afloram depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida no portão. Muitas passagens não foram registradas, foram contadas em confiança, como confidências. Continuando a escutar ouviríamos outro tanto e ainda mais. Lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutador infinito.

Nos depoimentos dos moradores mais antigos de Silveira Martins, nota-se a presença de sentimentos de nostalgia, revolta, mágoa e inclusive ressentimentos da época em que participaram do cotidiano escolar. Todos esses sentimentos compõem as lembranças de um período significativo na vida dessas pessoas e, segundo BOSI (1994:39), “se as lembranças às vezes afloram ou emergem, quase sempre são uma tarefa, uma paciente reconstituição”.

² “Nonas e Nonos” são expressões que designam avós e avós em famílias descendentes de imigrantes italianos.

As lembranças que os sujeitos desta investigação possuem sobre a escola, sobre os seus professores, sobre os conteúdos ensinados e também sobre seus colegas de sala de aula não podem ser vistas somente como reviver o passado, mas sim como uma reconstrução do passado através das idéias e das imagens do presente.

BOSI (1994:55) contribui neste sentido,

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho é trabalho. (...) A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora a nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual.

Através das imagens do passado é possível recriá-las através das vivências e experiências do presente, destacando a importância da lembrança como a capacidade de poder revisitar o passado levando consigo as lembranças do presente.

Segundo BOSI (1994:55),

Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista.

As considerações acima permitem uma reflexão no sentido de que as lembranças não permaneceram as mesmas com o passar dos anos, porque no decorrer do tempo os moradores mais antigos alteraram os seus sistemas de representações, hábitos e relações sociais da sua infância. Manter todos estes elementos de uma forma inalterada é algo praticamente impossível, porque "...a menor alteração do ambiente atinge a qualidade íntima da memória" (BOSI, 1994:55).

Quando os imigrantes italianos partem da Itália, os mesmos levam consigo o universo sócio-cultural na qual estavam inseridos: hábitos alimentares, vestimentas, formação religiosa, superstições, crenças, valores e também a linguagem. Desta forma, as lembranças que possuíam sobre a Itália; sobre os amigos; sobre os familiares que deixaram no seu país de origem, foram gradativamente sendo alteradas com o passar dos anos.

As lembranças que possuíam foram modificando-se em função do processo de imigração. Levando em consideração este o contexto elabora-se

alguns questionamentos: De que forma as lembranças foram perpetuadas? As lembranças permaneceram inalteradas?

Vários seriam os questionamentos que poderiam ser construídos para buscar conhecer um pouco mais sobre o processo de perpetuação das lembranças, mas através da interação estabelecida com os(as) moradores (as) mais antigos de Silveira Martins, descendentes dos pioneiros imigrantes italianos, foi possível chegar a algumas conclusões sobre este processo.

As lembranças sobre a imigração italiana, a chegada dos imigrantes no Rio Grande do Sul, a implantação da Quarta Colônia Italiana de Silveira Martins, o processo de adaptação à nova realidade e a educação ministrada na colônia são elementos importantes que continuam presentes na memória dos descendentes dos pioneiros imigrantes italianos. Mas pode-se perceber que estes aspectos ainda são lembrados pela terceira geração, pois a partir desta, muitos jovens desconhecem aspectos significativos da história dos seus antepassados.

Os “nonos” e as “nonas” contam que muitas das histórias por eles relatadas foram transmitidas pelos familiares que vieram da Itália. Relatam com emoção sobre as dificuldades que seus antepassados passaram para poderem sobreviver no Rio Grande do Sul, mais precisamente no Barracão de Val de Buia. Este barracão era um galpão de madeira, que não possuía quartos, nem assoalho e nem forro, sendo construído pelo governo brasileiro para abrigar as famílias de imigrantes italianos.

Quando questionados sobre como lembravam destas histórias responderam com os seguintes depoimentos,

Como esquecer de coisas tão importantes para nós? Não posso esquecer que o governo brasileiro esqueceu os nossos pobres imigrantes italianos nestas serranias. Foram tantas as injustiças que precisam ser contadas para que ninguém esqueça. (depoimento de uma moradora de Val Feltrina)

Não posso esquecer dos ensinamentos da minha nona que contava sobre a vida sofrida que ela tinha tido. Várias vezes terminava suas histórias com lágrimas nos olhos. Em roda do fogão a lenha, me contava histórias que não posso me esquecer. Só lamento que os jovens de hoje em dia não querem saber de nada. Fico mais tranqüila em poder falar contigo sobre estas coisas. É uma forma de manter o passado (depoimento de um morador de Val de Buia)

Eram os mais velhos na comunidade que contavam para os mais novos as lembranças que possuíam sobre o passado e sobre suas vivências.

Lembranças que não permaneceram estáticas e inalteradas, mas são reconstruídas. Sendo assim, é sobre as lembranças que os descendentes dos pioneiros imigrantes italianos possuem sobre a escola que pretende-se abordar neste texto.

Os pioneiros imigrantes italianos que chegaram para ocupar os lotes de terra próximos a Serra de São Martinho, em 19 de maio de 1877, eram oriundos principalmente do Vêneto, região norte da Itália. É importante mencionar que os camponeses italianos ficavam isolados, distantes de qualquer outra comunidade, sendo que nos primeiros tempos ficaram agrupados num barracão feito de madeira pelo governo brasileiro, aguardando a demarcação dos lotes de terra.

Neste contexto, o aprendizado das crianças era feito pelos próprios pais que transmitiam através das suas vivências a herança cultural que possuíam: o aprendizado do dialeto falado pela sua família, as normas e os valores do grupo na qual estavam inseridos. Todos estes elementos culturais eram transmitidos de uma forma informal pelos familiares da criança.

Segundo o depoimento de uma moradora de Silveira Martins,

Tudo o que aprendi devo aos meus pais. Nos primeiros tempos não tinha escola aqui por perto e não tinha professor para ensinar. Com os meus pais aprendi a ler e a escrever em dialeto italiano. Se não fossem eles para ensinar não saberia nada, nem escrever o meu nome.

Com a demarcação dos lotes de terra as famílias italianas sentiram a necessidade de organizar um ensino formal para seus filhos. Não existiam nesta época professores habilitados para ministrar aulas. Sendo assim, as famílias procuravam os camponeses italianos que possuíam um pouco mais de instrução e convidavam os mesmos para tornarem-se professores dos seus filhos.

A primeira forma de ensino formal que existiu na Colônia Italiana de Silveira Martins foi a Escola Particular Italiana. Este ensino era ministrado em italiano ou dialeto; os professores eram os moradores que possuíam maior instrução na comunidade, as aulas eram dadas na propriedade do professor e o pagamento era feito através do trabalho na propriedade do mesmo.

Segundo o depoimento de um morador de Silveira Martins,

Estou com oitenta e cinco anos de idade e me lembro que o professor que me dava aulas era um senhor que sabia muito. Ele tinha vindo da Itália, era enérgico e falava com vontade. O meu pai falou para ele

se ele não queria dar aulas para mim. Ele aceitou e todas às noites eu tinha aula com ele. Eu aprendi a ler e a contar. Era um bom professor, mas era brabo. Quem não obedecia ia direto para o castigo. Eu não pude ficar muito tempo na escola porque tinha que ajudar os meus pais no plantio da batatinha.

As crianças permaneciam muito pouco tempo na escola porque desde cedo tinham que ajudar seus pais na lavoura. Na análise dos depoimentos percebeu-se que eram os meninos que freqüentavam a escola mais que as meninas. Este fato justifica-se em função da presença marcante do patriarcado, que restringia a participação do gênero feminino à esfera privada da colônia. Sendo assim, constata-se que o acesso à escola era um direito garantido pelo gênero masculino e não pelo feminino.

Segundo o depoimento de uma moradora de Val de Buia,

Eu sempre queria ter estudado mas o pai mandava sempre os meus irmãos para a escola. Eu não gostava disto mas não podia reclamar (...). Um dia o meu pai recebeu uma carta e queria que eu lesse. Eu falei para ele: Dê essa carta para quem o senhor mandou para a escola. Eu não sei ler porque nunca fui na escola.

Outras meninas que tiveram a oportunidade de freqüentar a escola não permaneceram por muito tempo. Elas largavam a escola para irem ajudar seus pais na lavoura e nas tarefas domésticas.

As aulas eram ministradas em língua italiana, sendo ensinados os conhecimentos básicos da leitura, do português e da matemática. As crianças escreviam os ensinamentos recebidos na lousa e tinham que prestar muita atenção para poder lembrar das lições dadas pelo professor.

Segundo o depoimento de uma moradora de Silveira Martins,

Quando eu estudava não tinha cadernos bonitos como os de agora. A gente tinha que ficar prestando muita atenção para gravar tudo na cabeça. Os ensinamentos a gente registrava na lousa. Quando a gente ia embora tinha que apagar tudo da lousa. Depois tinha que saber tudo para poder resolver as tarefas que o professor dava.

O depoimento acima demonstra a importância que a memória possuía neste tipo de escola, porque as crianças necessitavam memorizar os conhecimentos ensinados para que pudessem lembrá-los no próximo dia de aula. Em muitos depoimentos foram relatadas situações em que as crianças não souberam responder as perguntas feitas pelo professor e acabaram ficando de castigo.

Recompensas e castigos caracterizavam a prática pedagógica do professor na Escola Particular Italiana. Sendo assim, observa-se como características preponderantes deste tipo de ensino a postura pedagógica adotada pelo professor, centrada no autoritarismo e na disciplina rígida.

Segundo o depoimento de uma moradora de Val Veronês,

O que eu me lembro da época que eu estudei na escola eram os castigos que recebia da minha professora. Eu não podia conversar com ninguém. Eu só podia olhar para ela. Um dia resolvi conversar com uma menina e ela meteu a vara de vime nas minhas mãos. Ela era uma tirana.

Neste depoimento, observa-se que a prática docente centrava-se na figura do professor. Era ele quem decidia o que estava certo ou errado e qual atitude que deveria ser tomada. Sendo assim, as atitudes consideradas como “corretas” eram recompensadas, mas aquelas que eram consideradas “erradas” eram castigadas. A recompensa, na maioria das vezes, era ir para casa sem apanhar do professor.

Segundo o depoimento de um morador de Silveira Martins,

Eu não apanhei do professor porque sempre dizia para ele quem estava fazendo algo de errado. Sei que não era certo o que eu fazia(...) Eu ficava triste de ver o sofrimento dos meus colegas, mas se eu não fizesse isto acabava que eu apanhava junto.

Para não apanhar do professor muitos meninos e meninas ficavam observando os seus colegas, tanto dentro da sala de aula como no recreio, para depois falar para o professor quem estava bagunçando e agindo contra os princípios de “boa conduta” ensinados por ele. As crianças relatavam todos os acontecimentos para o professor e acabavam indo para casa sem serem castigadas, enquanto os desobedientes ficavam ajoelhados em grãos de milho, apanhavam de palmatória ou de vara de vime.

Neste sentido, a prática pedagógica era alicerçada em princípios autoritários que acabavam por despertar nas crianças sentimentos de revolta, medo, submissão, individualismo e competição.

Em vários depoimentos constatou-se a postura autoritária por parte do professor, sendo fortalecida através do apoio dos pais. O relato de um morador de Silveira Martins contribui significadamente:

Quando eu estudava, a sala de aula ficava perto da casa da professora. Da janela da casa da professora ela olhava o que estava acontecendo dentro dela. Ela ensinava com a voz alta em italiano, segurando um vara, quando a gente respondia a tabuada errada ela

vinha com a vara e “metia na cara da gente”. O meu irmão sofreu muito nas mãos dessa professora, ele era franzino e ficava tão nervoso para responder as perguntas da professora que acabava errando. Ela não perdia tempo: palmatória nas mãos dele. Dava muita pena de ver as mãos dele vermelhas de tanto apanhar. Quando nós chegava em casa não dava para contar nada em casa, se nós falasse mal da professora, nós apanhava de novo, porque a mãe e o pai dizia: Se vocês apanharam é porque fizeram algo errado, a professora sabe o que é melhor. Quanto mais rígido melhor, e venham aqui porque irão apanhar de novo para não fazer vergonha na sala de aula de novo. Como a gente apanhava, chegava a molhar as calças de tanta dor, chegava a machucar a alma da gente. Um dia a professora deixou as crianças e foi para a sua casa. Quando olhou pela janela viu uma colega minha conversando, veio correndo, entrou pela sala de aula, e foi direto nas orelhas da menina. No recreio a professora brincava de roda com os alunos, mas na aula ela era uma tirana, batia com a palmatória, deixava os alunos de castigo ajoelhados em cima de grão de milho, e sempre escolhia um para ficar de castigo e sair por último da sala de aula. O pobre acabava indo sozinho para casa

Este depoimento caracteriza a postura tanto da família como dos professores em relação ao tipo de educação à qual as crianças eram submetidas. Uma educação autoritária, que pretendia educar através da memorização e da disciplina.

As relações de poder, de disciplina e de ordem também fazem parte do cotidiano escolar. Sendo assim, considera-se importante a contribuição teórica de FOUCAULT(1987) para poder compreender o controle e a disciplinarização dos corpos pela escola:

O corpo entra numa maquinária de poder que o esquadilha, o desarticula e o recompõe. Uma anatomia política que é também igualmente uma mecânica de poder, está nascendo, ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não para que se façam o que se quer, mas que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficiência que se quer.

A disciplina na sala de aula é vista a partir da contribuição de FOUCAULT (1987) como uma “mecânica de poder” que define as formas que se pode atuar para se ter o domínio sobre os corpos dos sujeitos, transformando corpos ativos e dinâmicos, em corpos dóceis, submissos e mansos.

A escola é percebida como um espaço onde as violações não se constituem somente em agressões físicas, mas em violações da alma de um sujeito em construção. Essas violações são utilizadas para disciplinar corpos e espíritos inquietantes.

Segundo o depoimento de uma moradora de Silveira Martins,

Eu gostava de estudar, mas a professora era muito tirana. Qualquer olhadinha para o lado e tava pronto: A professora vinha com uma vara de vime e batia com força na cara da gente. Eu não sei porque ela fazia isto até com aqueles que não incomodavam muito. O que restava prá gente era ficar bem quietinhos e não incomodar mais. Nunca mais... Senão era mais varada na gente.

No primeiro momento parece um acerto de contas entre professor e o aluno, mas analisando com maior profundidade, nota-se o controle do corpo feito pela escola, observando que “deixa o campo da percepção quase diária e entra na consciência abstrata” (FOUCAULT, 1987:15), tornando o processo de disciplinarização dos corpos em algo complexo e sutil.

É importante mencionar que a metodologia de ensino centrava-se no controle da corporiedade dos alunos, partindo de castigos físicos (puxões de orelhas, uso da palmatória, ajoelhar em cima de grãos de milho). Os pais apoiavam e autorizavam os professores para que exercessem esse tipo de coação, porque acreditavam que era assim que as crianças aprenderiam. Na verdade, as crianças autônomas acabavam sendo coagidas fisicamente para adotar a postura de “bom aluno” que permeava a época, mas existiam aquelas que, mesmo sendo coagidas, resistiam a esse tipo de violência, preservando seus ideais e autonomia individuais.

Estas situações foram percebidas em alguns depoimentos onde os “nonos” recordavam que, mesmo que seus pais quisessem que eles estudassem, eles resistiam e fugiam da escola, correndo o risco de depois apanharem dos pais e dos professores.

Interagindo com os moradores mais antigos do município de Silveira Martins, com a sua cultura, com os seus valores e com as percepções de trabalho, vida, política e educação, foi possível sistematizar as lembranças da Escola Particular Italiana que apresentava vestígios de sua existência na memória dos moradores mais antigos. Eles lembram do período que freqüentavam as aulas com os professores italianos. Lembranças e memórias não foram esquecidas em função da metodologia adotada, dos conhecimentos ensinados ou prática pedagógica desenvolvida por estes professores na Escola Particular Italiana.

Referências Bibliográficas

- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. 3.ed., São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- FOUCAULT, Michael. **Vigiar e Punir**:nascimento da prisão. Petropolis, Vozes, 1987.
- MEIH, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**.Edições Loyola. São Paulo, 1996.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **As Formas do Silêncio**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.